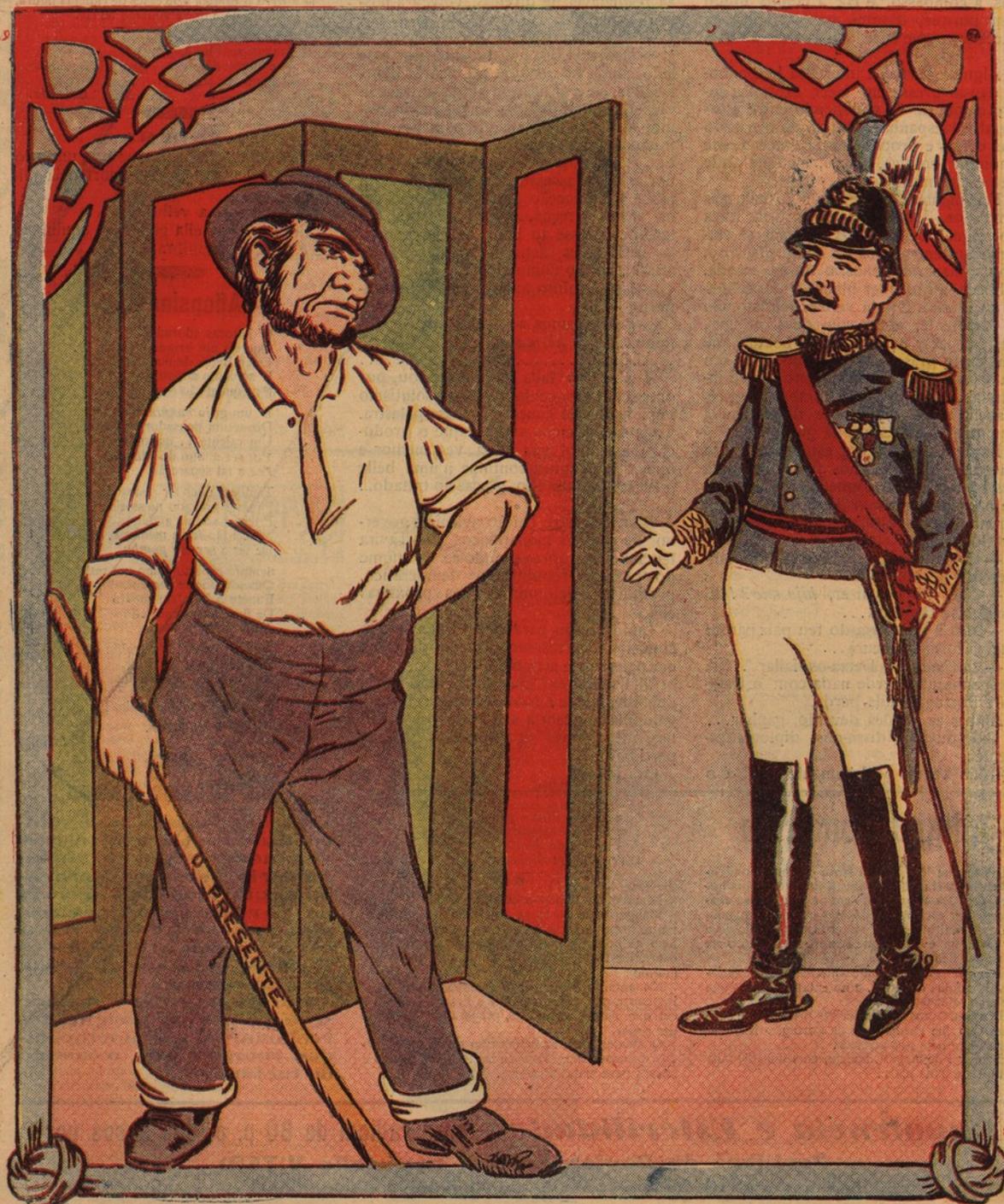
N.º 147 (3.º)—(269)—6.º ANNO Quinta-feira, 4 de Setembro de 1913 Preço 20 rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUAO

Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 81

UMA LEMBRANÇA PESADA!

A minha prenda é tão catita, que te faz ir a nóve, não tarda nada!...

E' caso para jubilo nacional o facto de vermos augmentar progressivamente o *superavit*.

E' um bicho que a Republica amavelmente nos mostrou e deixa apalpar, devido á orientação seguida no ministerio das finanças.

«A Republica deu-o á luz, o anno passado. Parteiro, o ex.^mo sr. Affonso Costa... Successo feliz. Tudo leva a crer que o recemnascido venha a dar um optimo soldado.» Eis o que lemos ha tempos nos jornaes.

Effectivamente a creança augmenta de volume. Não desmesuradamente, como queriam alguns glutões. Incha aos poucos, a compasso, e faz a familia muito bem porque, d'outra maneira, poderia succeder o que succedeu á rã da fabula...

•

Alguma parte da imprensa hespanhola deu-se pressa em fazer cabriolas sobre o tratado de commercio entre Portugal e Hespanha, deturpando o sentido das coisas e procurando accintosamente impingir politica, isto é, mette-la onde não é chamada.

Felizmente não chegaram ao ceu taes bramidos. Uma certa dóze, bem fraca por signal, de cerebros que não se embebedam em sonhos de conquista, viso, pouco mais ou menos, o fio da meada. Obdecia a qualquer plano... de caldeira da iberica. E para verem que isto não se desmente, assim com duas cantigas, basta reparar na chusma de boatos que em curto praso se desprendeu do ceu da estupidez crassa: inventaram-se incursões, descobriram-se combates navaes e aventou-se a hypothese d'uma chuva de cometas no tempo da guerra.

Impressionados por este mau halito guerreiro, decidimo-nos a procurar uma hespanhola muito conhecida que, depois de nos manifestar o desejo de se conservar no incognito, nos forneceu dados preciosissimos.

— Então que dizes ao tratado de commercio?

— Que hei de dizer, *hijo mio?!* E' uma coisa tão clara...

— Mas a imprensa do teu paiz parece querer torna-la escura...

— Ora adeus! Deixa-os fallar... A Hespanha não perde nada com o tratado e Portugal nada perde.

Ambas as nações deverão ganhar... E, ao ouvido disse-nos diplomaticamente:

— Tu sabes perfeitamente qual é o producto hespanhol que os portuguezes mais importam...

— Se lhe quizeres chamar *importam*, não t'o prohibirei, atalhámos.

— Pois bem! Esse producto não soffre alteração de direitos com esse tratatado... Já vês tu que os portuguesitos não ficarão prejudicados... Agora outra coisa. Sabes qual é o producto que nós...

— As hespanholas? inquirimos.

— Sim, se o quizeres... Que nós, repito, mais importamos dos portuguezes?

— Oh! sei-o muito bem!... tivemos a amabilidade de retorquir.

— Pois esse producto soffre uma baixa respeitavel de direitos, volveu a nossa interpellada.

— A' sahida?

— Decerto! Já vês tu que, por esse lado, ainda os portuguezes ficarão beneficiados, se não ficarem ainda outra coisa parecida. E demais, se o queres, vamos analysar detidamente os artigos do tratado. Tenho-o aqui. O primeiro artigo trata dos productos. Não tem importancia. Passemos ao segundo. Aqui faz-se a destincção de tarifas. Como vês ha varios preços... Mas adeante. No terceiro olha-se ao luxo da mercadoria, ás qualidades ficticias, á maneira de attrahir o alto commercio...

— Isso é muito importante! observámos.

— Bem! Vamos ao quarto..., continuou *nuestra hermana*.

....

A absoluta falta de espaço ou, por outra, um espaço falto de absolutismo impede-nos de concluir a nossa palestra. Todavia podemos affirmar que o producto hespanhol vae cada vez melhor e que o portuguez continua n'uma bella posição. E tudo isto, graças ao tratado...

•

O sr. Silvestre Falcão avisou o governo de que os monarchicos de Tavira tencionavam, aproveitando-se do nome do partido republicano democratico, promover a galopinagem nas proximas eleições.

Tanto bastou para que alguns evolucionistas começassem fazendo chicana em palestras e artigos.

Oh! senhores! Quando haverá juizo, definitivamente? Não veem que isto de galopinagem tem a sua fonte nas quizilias mesquinhas dos diversos grupos partidarios?

Ora bolas!

Lingua comprida

Diz-se que tem havido troca de correspondencia entre Portugal e Inglaterra porque alguns nobres *beefs* teem o *sport* de em publico e raso chamarem por escripto ao *Manolo* «rei de Portugal.»

Como muito bem diz Mayer Garção aquilo deve ser alcunha e... da que sempre fica como certa confiança demasiada.

O *rei da madureza* nunca mereceu ás chancelarias uma folha de papel, e no entanto reinava que era uma reinação ouvil-o.

Se os cortesãos e as histericas princesas se consolam em lhe chamar «rei de Portugal» isso não nos aquece nem nos arrefece.

E' um rei de magica, ficticio, com uma alcunha qualquer e nada mais!

Não gastem tinta e papel
P'ra que o «real» se abandone,
Antes as lindo *Manél*
Off'reçam um *especione!*

•

Esperem-lhe pela pancada!

Inaugurou-se em Haya o palacio da Paz, onde, naturalmente não ha adega para evitar desordens, nem se pode fallar em politica nem em mulheres causa de tantas *saragatas* que tem havido n'este mundo!

No entanto a Alemanha arrebita as orelhas, a Inglaterra não está contente e a França está a ver em que param as modas, preparada para o que der e vier.

O Mexico anda ás turras com os Estados Unidos e nós vamos fasendo manobras militares e navaes para matar a carriça.

No entanto a Paz tem o seu palacio que nos dizem ser sumptuoso.

Se não servir para outra cousa talvez sirva para n'elle serem condecorados os *irões* d'essas carnificinas chamadas guerras!

Talvez.

Era uma bonita ideia
Uma paz bem combinada
Mas os reis teem *areia*
E quando lhes dá na seia
Começam logo á *pasáda!*

•

O caracol... sem casca, de ridicula figura todo se indigna porque as autoridades de Braga limitaram o toque de sinos a dois ministros.

Pois já é demais.

O toque de sinos é para nós e para quem vê bem uma manifestação do culto externo.

Os protestantes, os judeus e as casas das outras religiões não azoinam os ouvidos da humanidade para chamar fregueses.

Os seus crentes vão lá sem reclame de barraca de feira.

Os sinos já ha muito que deviam ter sido retirados das egrejas e salvo os de valor que os ha, bem fundidos para moeda, para estatuas, emfim para qualquer cousa util.

Ia *á serra* o caracol sem casca de ridicula figura, mas a sua furia só daria vontade de rir.

Da sinalhada apeiar
Tratem sem hesitação;
Já é tempo d'acabar
O sacro tão badalão!

Orlando.

PUDERA

A devota *Nação* diz que o equilibrio orçamental tem «uma importancia minima».

E' coherente a velhota.

Como ha-de ella gabar o equilibrio se é uma desequilibrada?

Affonsinas...

O' leitoras adoradas
Quereis um brinde apanhar?..
Estão livres de maçadas!
E' somente adivinhar
P'ra quem são estas piadas.

E' um *gajo maganão*
Diz-se um pensador profundo,
Um valente... marotão,
Por ser amigo do *Mundo,*
Fez a tal separação.

Tambem quer ter pedestal
P'ra ser gravado na'storia,
E tem a scisma afinal,
N'essa tão fraca memoria,
De vir a ser um *pombal.*

Sempre esperto como um rato
Quando dorme descançado;
E mete o Zé n'um sapato
De fino *coiro*, chamado
A lei do inquelinato.

A todos manda dar *trolha*
P'ra não poderem falar,
Se falam, não faz escolha:
E'spadeirada a fartar
Em *nome da lei* da rolha!

Quem será este *meco* ?.?.?.

Lirio.

Um atrevido gatuno

Alguns nossos assignan-em Manaus (Brazil) escrevem-nos dizendo que um tal Adinario Ferreira Maravalhas, que tem uma agencia de jornaes estrangeiros, sem o menor rebuço vae á caixa especial, tira-lhes os jornaes e põe-os á venda na dita agencia.

Parece-nos que o melhor será os nossos assignantes reclamarem das auctoridades competentes, o castigo de tal larapio.

Falta de policia

Recortado do *Diario de Noticias*:

«*Sr. redactor.* — Podia considerar-se um desleixo se não fosse de ha muito tida como um dos mais caracteristicos males de que enferma a segurança publica. A falta de policia ocasiona atentados induviduais, desordens de facil repressão com a presença da autoridade, e o já batido caso dos insultos a senhoras que se arriscam a uma travessia pelas ruas de Lisboa.

Sofre deste mal, que é a falta de policia, aquele «deserto» de Santo Amaro, onde a grande população dos empregados dos electricos fórmam quase um colonia.

A meio da rua Luiz de Camões, 129, existe um colegio maternal, de que é directora e professora uma senhora, ilustre de nome e de saber, e que dedica aos seus alumnos uma particular afeição. Esta senhora, D. Cecilia Castelo Branco, foi alvo num dia de semana ultima, de um brutal insulto por parte d'alguem que, numa linguagem condenavel, proferiu injuriosas obscenidades. Os habitantes da rua pretenderam defender a desditosa professora de tal ataque, e para isso foi alvitrado chamar um... policia!

Eis o caso dificil... A policia não existia!

Felizmente a scena cessou, com ameaça de continuar em outro dia proximo.

São diarios estes casos; todavia este merece especial referencia, pela condição social da victima, que é descendente do grande romancista Camillo Castello Branco e esposa do sargento Antonio Trindade, filho do celebre alferes Trindade, do 31 de janeiro, do Porto.

Dois nomes illustres á mercê dos insultos, a que a policia teria posto côbro se ela aparecesse... uma vez por semana, naquele bairro.

A quem pedir providencias? Ao sr. comandante da policia? Pois a ele fica entregue este caso, que, infelizmente tem semelhante em cada canto da cidade.»

D'esta noticia se conclue o que de ha muito está esclarecido.

A má organização da policia.

E esta onde pára?

Está toda na escola, onde a lingua policial se exercita no manejo pratico e util do idioma estrangeiro.

E as ruas, essas, sem a policia de bandeirolas, continuam á mercê da desordem da indisciplina da bandalhice.

A cada canto da cidade, a cada momento, os factos surgem demonstrando o estado miseravel em que se encontra Lisboa, agora entregue aos vadios e aos insolentes.

A republica foi boa para a liberdade... agressiva. Uma conquista renhida... mas foi uma victoria. Hoje a policia é um ornamento... das ruas da baixa.

Nada mais.

A Rua é mal educada, obscena, velhaca e traiçoeira. A auctoridade não tem força não póde, não consegue impôr-se aos desmandos de varios bandos de discolos, muitos com a protecção dos deuses. E' portanto uma auctorida denula uma auctoridade cumplice de todos os acontecimentos que a rua apresenta.

Isto é, afinal, o campo livre dos que transformaram Lisboa n'uma escola de vadios.

A Sr.ª D Cecilia Castello Branco, nêsse instante augustioso por que passou, deveria ter recordado as paginas, sublimes do mestre, désse espirito superior o maior de todos, paginas onde a sua magua, a desoladora magua do seu sofrimento deixam queixumes como este que transcrevo e offereço a meditação dos moralisadores do meu tempo, e que demonstra bem quanto amargo fel existe na opinião publica, soberana insultadora dos que sofrem:

«A honra não está na consciencia... está na opinião publica!»

Vinicio.

FERROADAS

O filho da mulher de Carlos de Bragança, pretendente e protector do jesuitismo em Portugal, por alcunha, rei Manolo, que é como quem diz *rei de paus*, ou ainda *rei d'ouros*, porque se acha na posse e goso das centenas de milhões roubados pelo marido de sua mãe, déve, á hora do nosso jornal sahir da machina, estar a ser inscripto no livro dos aspirantes a homens uteis á sociedade, contrahindo assim o compromisso de ter juizo'

Como devoto que é, peça ao seu Deus, que o livre de entrar para a comfraria a que pertencia o seu collega D. João VI e se o não poder evitar, faça como outros collegas mais recentes, que por seu turno faziam aos seus lacaios, o que os mesmos lacaios lhes faziam, por mutua reciprocidade.

Vá gosando os rendimentos, que uma demasiada benemerencia, lhe deixa usofruir e faça a deligencia por não cançar apaciencia e benignidade do povo portuguez, se quer que o tomem a sério na nova situação, e deseja evitar que os seus fraldiqueiros subam a **grandes alturas**, porque a magnimidade tambem tem limites.

Que os seus suinos rogue aos Ceus pelos focinhos, pelas suas prospriedades, e que o supremo architeto nos livre dos coices dos *Consul, Caracoles, Cabraes* e outras que taes seus correligionarios.

●

Os evolucionistas querem que o governo trate das batatas e hortaliças e deixe os assumptos politicos e de administração.

Apoiado Sr. Antonio Zé, V. Exª bem sabe que para correr á batata, é preciso que ellas não estejam caras, do contrario seria um perda sem compensações.

●

Aquella coisa que se publica á noite e que se alcunha de «O Dia», está mesmo uma folha de piteira muitissimo pandega!

Deu-lhe para ali e antes isso do que dar-lhe para morder nas canellas de gente que lhe passe proximo, porque deve estar damnado com as demonstrações d'afflecto que lhe chegam **de toda aparte,** incluindo aquella parte que nós sabemos.

Aquillo é que se chama ter sorte como burro!

Abelha Mestra.

Mal do coração

Coizas á parte.

Rara é a manhã que eu a não vejo;
No rosto a pallidez duma tristeza...
E porquê? — sei lá bem! algum desejo
Que nos revéle a medo uma impuresa...

Fica-se a meditar! e rubro pejo
lhe vem tingir a face com presteza...
Suspira e o seu gemido é brando horpejo
Da lyra de marfim dauria princesa! (1)

Eu qu'ria advinhar, saber queria,
A cauza dessa atroz melancolia
Que te faz triste e por teu seio arfante!...

Decreto nessa idade de illusão,
São coizas do amor, um meigo amante.
— Decerto é algum mal do coração! ?..

Porto, 1913 *Salvaterra Junior.*

(1) E' p'ra rimar, meus amigos.

Á LARGA

Dizem os jornaes que o compositor Puccini está escrevendo tres operas em um acto.

O Offenback, se vivesse e viesse observar a politica portugueza, tambem devia encontrar bastante assumpto para uma opera-comica...

Horas de tedio

Aos camaradas de redacção Arlindo Boavinda e Armando Ferreira.

I

Acordei mal disposto, azêdo, impertinente,
Que monotona vida! Eu sinto-me tão farto ..
Ainda não paguei a renda do meu quarto...
E arrasto-me indolente.

II

Escrever para quê! — O' grande suicida,
O' gloria desta patria, ó imortal Camilo!
Vem tu mostrar ao mundo o teu genio, o teu estilo,
Desprezados na vida!

III

Que estupidez, meu Deus! lutar pela existencia.
Mas lutar com que fim, dizei-me, para quê?...
Rasgo uns versos banaes, lampêjos de demencia!
Versos que ninguem lê...

IV

Nisto batem á porta. Eu abro. E' um galego
Que me entrega uma carta — Oh! ceus! presinto agouro..
Ofélia, o meu amor, dá por finda o namoro,
Porque eu não tenho emprego...

V

Penso em sahir, e saio. Ando tristonho, errante,
Mas encontro um poeta — Um talento disperso! —
Que me dá a noticia, aliás muito importante,
— De eu ter errado um verso.

VI

O meu tédio é maior que a ponte de Magença!
Acerca-se um mendigo e estende-me a sacola.
Foi militar valente e a patria, em recompensa,
Mandou-o pedir esmola...

VII

Eu conheço um ministro. E' homem que trabalha,
Como foi meu amigo em tempos que lá vão.
Vou procura lo a casa. Emfim, talvez me valha...
— Não me recebe. — O cão!

VIII

Horas de tédio imenso! E sigo taciturno,
A pensar que este mundo é sujo como um escarro.
Chego á porta e encontro o meu guarda-noturno,
que me palma um cigarro

IX

Entro em casa e então recorda-me um remedio:
Talvez que *aliviando* eu fique mais jocundo.
Fecho-me na cluaca. Emfim passou-me o tedio...
Já me vinguei do mundo!

Manuel Chagas.

Esperem por isso

Os *thalassas* agora teem entre mãos dois trabalhos de *inpenca*, á falta d'um. Restaurar o imperio no Brazil e a monarchia em Portugal.

Se lhes dão tempo não ficam por ahi: vão á China e depois vão á Amer... ica, por onde deviam começar.

Ahi *pazes!*

Uma conspiradora

Ando areganhando a tromba
Pois consta que uma donsela
Que de mim um pouco zomba
Disem que tem uma bomba
E que é de alto lá com ella.

Carbonario.

Não é novidade

Um padre de Valbom fez annunciar que a agua benta das egrejas não tinha valor algum por ser benzida por padres pensionistas e recomendava á freguezia a agua benta do padre Antonio capaz de fazer ressuscitar mortos.

Cá em Lisboa já o padre Antonio era muito conhecido, não só pelas suas «fereiras» como pela sua bella agua-ardente.

UMA VISITA AO CURRAL

Aqui te apresento alguns dos meus mais humildes vassallos!

Chorar em... publico

O coração humano, disse alguem, é como o estomago: não póde estar vazio, precisa sempre de alimento.

Para alguns a mágua, uma saudade, o desespêro de viver, e o encarar tristemente a vida representa um alimento suculento para o coração.

Para outros, a ancia de um desejo, o remorso d'uma acção, o temôr da descoberta do crime; e este é o alimento que conserva, mas que, como aquelle, representa a phase completa dos phenomenos do coração.

Aos primeiros pertence uma certa parte da humanidade, com um ar de sentimentalismo exagerado, dos que ninguem aprecia, que ella sente porém, desenvolvida no indomito sofrimento, perante a vontade desenvolvida do destino, mas que, exagerada, tomba no ridiculo, desfaz o pranto e sorri, sorri inconscientemente d'essa existencia amortalhada no choro eterno da saudades.

São esses que eu lamento, são esses que vivem no desespêro da mágua e não sabem inspirar-se no maior no mais bello, no mais sagrado sentimento humano— dôr silenciosa.

O alarde, o tornar publico o pranto, sepulta na chocarrice a piedade!

Para que dizer, apregoar ao mundo a nossa desdita, se o mundo, gelado pelas convenções, não comprehende a saudade immensa do que soffre?

Será uma necessidade de desafogo? Será um capricho?

Uma ou outra coisa é, sem duvida, um implacavel tormento, sem uma consoladora esperança, bruscamente afogentada pelo ruido do gracejo.

Eis um exemplo da tortura humana que o coração não soube esconder, preferindo a ironia da publicidade á devoradora mas piedosa violencia do silencio.

Para que transcrevo esse exemplo? Porque me tortura o estremecer nervoso das risadas ante esse desabafo singelo de dois entes que o destino feriu e o mundo não consola.

Do «Diario de Noticias»:

«Cascaes, 27-8-913

SAUDOSA RECORDAÇÃO

Se o nosso extremoso e querido filho vivesse completava hoje seis annos. Lembras-te, meu querido filho, quando ha um anno teus paes carinhosamente te afagavam e beijavam para te tornar mais feliz o dia d'hoje? Vê, meu querido amor, com que mágua nós recordamos este dia.

Desce, pois, imaginariamente á terra e dá um ultimo beijo nestes pobres e inconsolaveis paes que ao saber da dôr immensa de te perderem e vivendo sómente da tua imagem se vão arrastando neste valle de lagrimas.

Roga, meu anjo, ao Todo Poderoso que tenha piedade de nós e que suavise quanto possivel o nosso sofrer pela tua ausencia eterna.

Nós, meu filho, cumpriremos o nosso dever, desfolhando sobre a pedra fria da tua campa vastas saudades e derramando lagrimas derradeiras.—Seus inconsolaveis paes, Maria Pitinha Bonifacio, Antonio Silvestre Bonifacio.»

O chôro interior é horrivel. Ah! mas que estalem, uma a uma, todas as fibras do coração, que a dôr nos domine ao desespero, á loucura, isso que importa, se o silencio póde esconder aos olhos ardentes da humanidade a nossa mágua?

Tudo isso, a lucta contra a vaidade, contra o desejo de espalhar ao mundo o que o peito póde esconder, não é superior ao choro terrivel do silencio, a esse choro que não tem lagrimas e que afinal póde ser desfeito pela gargalhada dos que tranquilamente se déram ao repugnante encargo de rir da dôr alheia!

Vinicio.

Antes e depois

Tu lembras-te, Margarida;
que ao pedir teu coração
tu muito desenxabida
disseste-me logo: não!

Pois agora e é fatal
quando passas junto a mim
ao mais pequeno signal
dizes me logo que sim!

Outr'ora, p'ra te'scutar,
dava a *massa*, a vida tudo...
Agora p'ra te apanhar
basta somente um... escudo!!

Danilo.

Inconvenientes da polvora

Não ha maneira de *O Seculo* pôr ponto na questão dos explosivos na agricultura.

Pois devia faze-lo porque ha muitos inconvenientes. Ficarão os nabos sabendo a polvora e o feijão que, já de si é explosivo ficará sendo explosivissimo!...

Não ha bonita...

E ella tão bonita, tão mimosa
no corpo tão airosa, tão galante,
que esqueceria Dante a linda amante
se a visse um só instante andar dengosa.

A pele é desse branco cor de rosa
que só a mente gosa na bacante,
e o seu olhar brilhante, é sonho errante,
na esfera scintilante e vaporosa.

Em todo o seu conjunto, essa beleza,
a propria Natureza idealisa!..
A alma que ela visa fica presa!

Porem, em furia acesa essa Artemiza,
as pulgas da camisa, sobre a meza,
em casa, com crueza, martirisa!

K. K. To.

Passeando

No electrico

Como nem sempre a sorte nos é favoravel, seguia-mos, pensativo, e meditabundo pelas ruas da cidade, até que pelas alturas de S. Bento, resolvêmos esperar por um *electrico*, que nos conduzisse até.. onde nos parecêsse.

Pouco depois de seguirmos, n'um carro, que, por 4 centavos nos punha na praça do Brazil, duas *palmadinhas* amigaveis, echoaram sobre os nossos hombros.

—Olá!!... Tu por aqui?

—E' verdade...

Era um nosso amigo, que depois de têr desaparecido da circulação por algum tempo, reaparecia, como uma moeda de 5 réis do D. Manuel, depois de ter estado guardado, em *peitinho thalassico*

—Então que fazes? Ao que o nosso amigo nos retorquiu, com o seguinte:

—Acabei de receber um telegrama do **Tentugalho** «em que me dizia, que junto do rio das «enguias cahiu uma forte tempestade, acompanha«da, de raios e coriscos de mistura com alguns «bocados de ferradura produzindo grandes estra«gos no cemiterio proximo

«A maioria dos mortos conseguiu salvar-se, «mas muitos pereceram fulminados devido ao «estado de consternação, em que se encontravam.

—Deixa-te disso, e dize-me o que tens feito!!

—*Olha, acabei de dar a volta ao mundo com um barril d'agua!!*

Tinha-mos perdido a esperança de arrancarmos d'este, qualquer coisa a *serio*, quando, defronte de nós se via sentar uma gentil e graciosa menina em companhia de uma *velha matreira* que nós nem em sonhos, queriamos para sogra. Emquanto olhava-mos para aquella beldade personificada, para aquelle cherubim encantado o nosso amigo hia-nos, batendo no hombro e retorquindo:

—Estou feliz, a *velha* dáme *sorte*.

E na realiuade, emquanto, a pequena, fugia com seus olhos encantadores aos nossos intentos de precoce *D. Juan*, a *velha* toda *arrebiques olhava-nos de soslaio*, como a dizer-nos. *Estás c'uma vaidade*..

Finalmente, quando hiamos entregues a estas lucubrações, heis que chegamos ao *terminus* da viagem. Esperamos na plataforma, para dar logar, a que as nossas companheiras de viagem sahissem. Quando passáram por junto de nós, só tivemos tempo de dizer á pequena: *Que beldade!* e vêr-mos ainda o olhar da *carcassa*, que parecia dizer:

—*Que bem que fallas!!*

N'este momento, fomos distrahidos por um conhecimento antigo... e... ellas lá seguiram.

J. D. Costa.

Teatro Rua dos Condes.

Este teatro que está soffrendo grandes modificações interiores e exteriores, inaugura os seus espectaculos a 18 de Setembro.

A peça de abertura será a revista *Peço a Palavra*, seguindo-se-lhe uma magica e uma revista de tres festejados escriptores.

A Companhia será dirigida pelo popular actor Alvaro Cabral.

O guarda-roupa está entregue ao habil costumier **Castello Branco** e o scenario aos nóssos mais aplaudidos scenographos.

Chronica Minhôta

O espirituoso Lambisgoia, redactor d'este jornal, nas suas impressões da cidade de Braga. que ha pouco visitou, não podia ser mais completo em tão resumida chonica! De corrida como S. Ex.ª diz, não se podia fazer mais. Tenho lá ido com tempo, diversas vezes em cavallo... e venho-me... embora sem vêr tanto...

●

A politica portuguesa, especialmente no norte (Minho), está atravessando uma crise de vergonha levadinha do diabo.

Referimo-nos ao acto eleitoral que se aproxima.

As duas succursaes da politica nacional, das duas marcas registadas e previlegiadas, sob a denominação dos dois régulos—«Affonso» e «Almeida», unicos importadores e fornecedores da trampolice politica para esta região, teem abusado descaradamente do povo e das leis que foram feitas para o reger.

Os caciques da monarchia, aquelles que n'outros tempos eram os mais ferozes inimigos da Republica, são hoje a quelles que, levados pelos representantes dos dois chefes mencionados, andam contra a lei, mendigando de porta em porta, como um mendigo esfomeado, o voto *livre* dos cidadãos!!! Infame procedimento!

Tambem ficaram como elegiveis individuos *illustrados*, analphabeticamente falando, que não conhecem nem nunca conheceram a primeira letra do alphabeto. Isto sabe-se e consente-se nos dois campos de Batalha...

Famalicão, Agosto 1913

Pederneira.

José Candido Freire

E' dentre os funcionarios superiores da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, o que pela sua capacidade, talento e valorosos serviços prestados em periodos de gravidade não muito esquecidos, sob ascender aos mais altos cargos dentro do vastissimo campo da sciencia da matematica.

Alma e caracter de eleicção, é o amigo e querido de toda a grande legiao de trabalhadores dos caminhos de ferro, a quem anonimamente, tem prestado os mais velevosos serviços.

Durante largos annos, deu as mais enequivocas provas da sua muita capacidade, como notavel entre os notaveis contabilistas e assim era admirado e respeitado na sua terra que é a de todos nós e no estrangeiro.

O Conselho d'Administração da poderosa Companhia, em sua ultima reunião, procedendo um notavel relatorio sobre os meritos, serviços e mais notaveis qualidades de Candido Freire, acaba de o elevar ao alto cargo de secretario geral; logar que deve ao seu merito e ás grandiosas faculdades do seu talento.

Bastantes vezes foi chamado para subraçar a pasta da fazenda e a sua recusa formal não se fazia esperar porque acima das clientelas o notavel contabilista,—via a patria e a impossibilidade de bem de governar n'um paiz onde o compadriu e o egoismo é tudo.

A festa de regosjo que lhe prepararam os servidores da Companhia, falará bem mais altos que os encomios tão ferteis na terra onde a frase galante, amavel e o elogio mutuo são tudo.

Ao distinto funccionario, tambem lhe endereça «*O ZÉ*» os seus parabens como regosijo do acto de justa homenagem ao seu valor e qualidades de caracter.

O SEMICUPIO

COMEDIA EM 1 ACTO

(CONTINUAÇÃO)

SCENA IV

Os mesmos, menos o Aranhiço

Conselheiro — Has de dizer a estas bestas que sou eu quem sustenta o jornal, ouviste? Que falta de consideração pela minha pessoa...

Banana — Este *Aranhiço* é muito atrevido.

Conselheiro — Vamos ao que importa. O poeta Armelio está sem emprego. Tinha uma pensãozita da *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, mas a Republica *chupou-lha*, e o nosso grande artista vê-se sem recursos...

Banana (*muito commovido*)—Coitado.

Armelio — Olhe q... que eu sou c... casado... Não me esteja a o... offender.

Banana — Não quiz offendê-lo. (*Ao conselheiro*) Estou ao seu dispôr...

Conselheiro—Trata-se do seguinte: preciso que arranjes no teu jornal um logar que seja digno de quem possue o alto engenho de Armelio.

Banana—O logar de «reporter», serve?

Armelio—E' m... muito reles.

Banana—Redactor? ..

Armelio—E' m.. reles.

Conselheiro (*conselheiralmente*)—Quer-se coisa mais alta.

Banana (*áparte*) — Só se fôr o elevador de Santa Justa! (*alto*) N'esse caso, cedo-lhe o meu logar, sr. Armelio.

Conselheiro — Não consinto. Sejâmos justos e rigorosos. Tens prestado serviços ao paiz, deves ficar.

Banana — Mas não descubro um logar... (*depois de instantes, batendo na testa*) — *Eureka!* Redactor principal, serve?...

Armelio (*mesmo sem pensar*)—E' m... muito reles.

Conselheiro — Bem, o rapaz fica redactor, provisoriamente...

Armelio — Pois sim; mas o j... o jornal hade ser escripto em v. . verso.

Conselheiro—Está claro.

Banana — Mas isso não é jornal, é um poema noticioso.

Armelio—Em p... prosa, é réles.

Conselheiro—Bem vês, êle é poeta...

Armelio—N'esse caso, tenho que abandonar a direcção da gazeta: eu não sei fazer versos...

Conselheiro—Não custa n... nada Eu empresto-lhe um d. . dicionario de r... rimas.

Banana—Obrigado, mas não sei...

Armelio — Escreva então v... vocemecê em p... prosa, que eu escrevo em v. . verso...

Banana—E' uma revista do ano. Só falta a musica. Essa, escreve-a aqui o conselheiro.

Conselheiro — Verias que a tiragem aumentava consideravelmente... (*outro tom*). Sr. Armelio, fica sendo, desde hoje, o redactor principal do *Caranguejo!*

Armelio —Muitos mer... *mercis*.

Conselheiro (*consultando o relogio*) — E agora, Armelio, são horas de retirar.

Armelio —E... que horas são?

Conselheiro — Onze. A estas horas, tua mulher anda toda affiicta.

Armelio—Hoje é c... capaz de me b... bater.

Banana (*rindo*)—Então ella bate-lhe?

Armelio—Ai não! E' b... bordoada de criar bicho. Ella é f... feminista.

Conselheiro — O nosso poeta tem horas marcadas para recolher ao lar.

Armelio—E em chegando m... mais tarde das dez, o meu l... lombo é que a.. alomba.

Banana—Mas isso é uma violencia!

Armelio — O' s... senhor, isso já eu disse, mas a m... minha mulher não q... quer acreditar...

Conselheiro — Qual violencia! O que prevalece na sociedade é o direito da força, ou a força do direito?

Armenio—Infelizmente, é o direito da força.

Conselheiro — Então já vês: ella, batendo-lhe, está no seu direito, porque é mais forte...

Armelio—Eu cá s... sou poeta...

Banana (*ao conselheiro*)—Lamento bastante a sorte do seu protegido... (*outro tom*) Mas não se demorem, então...

Conselheiro (*indo buscar o chapeu e a bengala*)—Adeus, Eduardo. (*Armelio segue-o*) Até amanhã.

(*Vão para sair, mas não o podem fazer. Rita dos Tormentos, acompanhada de Amalia, transpoz a porta da redacção e sóbe as escadas apressadamente. Armelio e conselheiro recuam muito pallidos*).

(*Continua*) *Manuel Chagas.*

Em branco...

Chegou a Olhão o ministro dos negocios estrangeiros que foi alli tratar da questão da pesca.

Oh! sr. Macieira! Tenha paciencia mas d'essa coisa não pesca nada!...

A um talassa

MOTE

Foste ao senhor da serra
Nem um annel me trouxeste

GLOSA

Vendo agora estar na berra
Mestre Affonso *defticticida*
Tu dizendo mal á vida
Foste ao senhor da serra!
Como o despeito te enterra
Na *talassice*, má péste,
Certas despezas fizeste
Em petisqueiras e vinho
Mas p'ra dar ao teu *reisinho*
Nem um annel me trouxeste!

Manolo.

Bella occasião

Começaram os banhos de mar para creanças, tendo já ido 400 banhar-se á praia de Caxias, no ultimo domingo.

Oh! sr. Camacho! Aproveite agora que é *de borla!*...

EXPEDIENTE

A absolucta falta de espaço, obriganos a deixar para o proximo numero alguns artigos, entre elles dois de *Pevide sem Feliz*.

«O Sport Lisboa»

Recebemos a visita d'este nosso collega d'imprensa, que vem preencher mais uma lacuna na vida sportiva.

Vem bem redigido e encerra bastantes assumptos, o que torna apreciavel a sua leitura.

E' seu director o nosso presado amigo, dr. Alberto Lima.

Publica-se aos domingos e o seu preço é de 2 centavos.

Agradecemos e permutamos.

Epitaphio

Aqui jaz Silva Fialho
Pobre *poeta* sem arte,
Matou-se, p'ra não pagar
Os taes direitos d'encarte!

Vid'alegre,

Teatro Salão dos Anjos.

N'este elegante Teatro, o ponto de reunião da nossa élite, continuam em pleno sucesso as notaveis artistas hespanholas *Las Tres Gracias* e estreia-se na segunda feira o notavel cantador de fados Reinaldo Varella.

Grande successo do notavel film com 3500 metros em 7 partes *O Garoto de Pariz*.

O "Zé„ no theatro

—Que no **Republica**, continua a revista *De capote e lenço*, e continuará, emquanto o enthusiasmo, for tão delirante como agora.

— Que *o 31*, continua a fazer gloria do **Avenida**; sendo augmentado com o novo quadro «*O club dos patos*» no proximo sabado.

— Que tem sido concorridissimo o **Apollo**, onde se representa a tragedia de Shakspeare *Hamlet*, desempenhando o papel d'este, Angela Pinto.

CINES

Olimpia, o elegante cinema, onde se reune a *flor* da *elite*, e onde se passa um bom bocadinho da noite. Fitas boas, musica melhor.

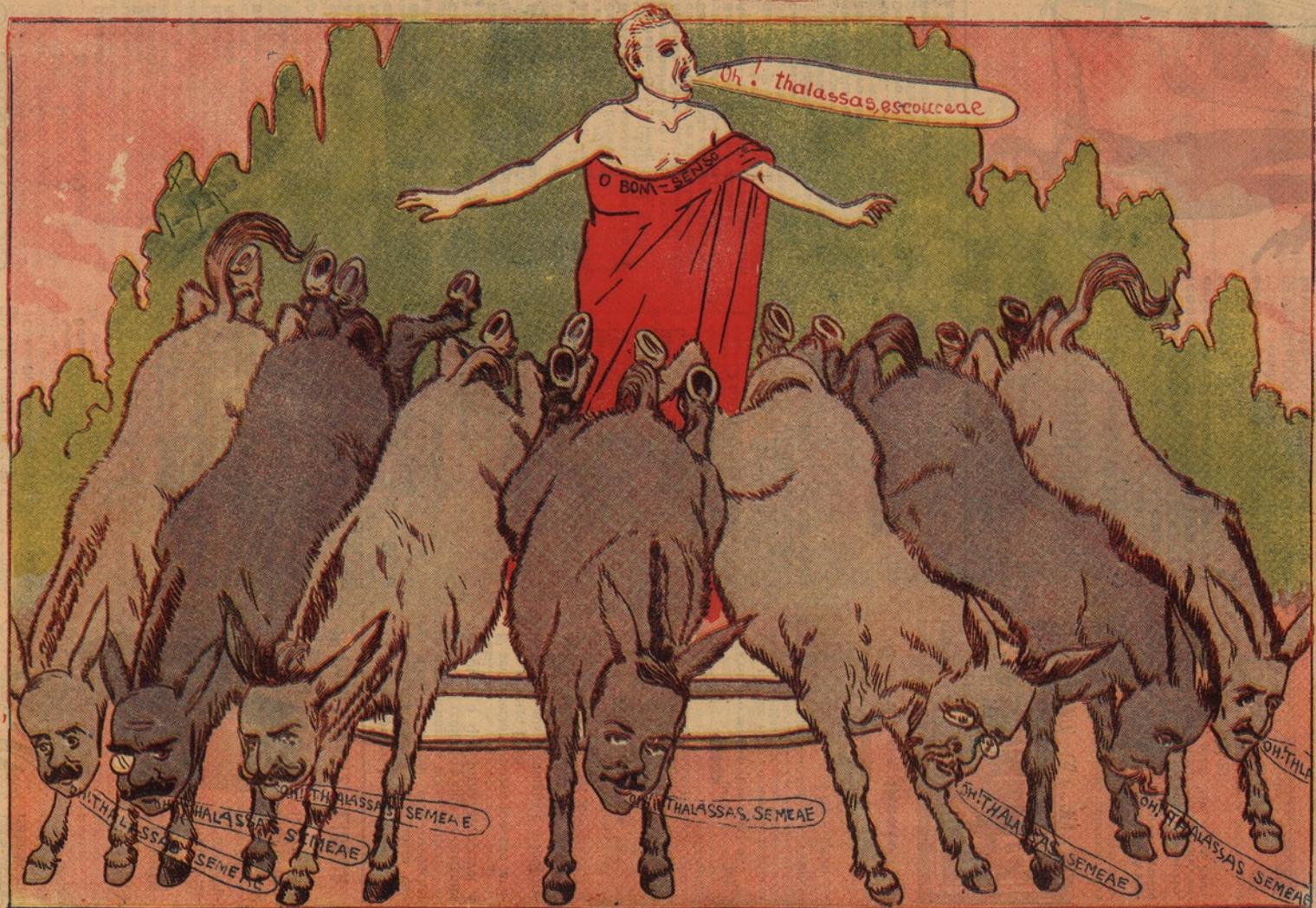
Salão da Trindade — Fitas magnificas. Ahi se reune, a gente abastada, e as meninas *casadoiras*.

Salão Loreto — Fitas comicas e dramaticas.

Quem quizer ter a impressão de que está n'uma modista é ir até lá, pois ali se reunem as bellas costureiras.

Terrasse — Reunião da sociedade elegante. Nos intervalos ha boa ventillação, pois são completamente abertas as portas que dão para a rua.

SÓ DE THALASSAS

(Resposta á primeira pagina d'um jornal thalassa que se publica ás sextas feiras.)

Por mais couces que dêem, o bom senso não lhes faz a vontade!!!